

ANÁLISE ENTRE O MERCADO EMPREGADOR E A EDUCAÇÃO ESCOLAR

Helane de Jesus Coelho¹, Joeleno Dias de Souza², Rogério Pinto de Paula³.

1. Graduanda do 5º semestre de pedagogia na Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) –Itapetinga – Bahia – Brasil.
e-mail : hhellanny@hotmail.com
 2. Graduado em pedagogia na universidade Estadual do Estado da Bahia (UESB) e-mail: joelenodias@hotmail.com
 3. Mestre em Ciências da Comunicação; Orientador, professor do curso de extensão em metodologia do trabalho técnico e acadêmico
e-mail: rpintobr@yahoo.com
-

RESUMO

O presente artigo investigou as relações existentes entre processo educativo e mercado de trabalho, a fim de vislumbrar um novo paradigma de justiça social. Demonstrou que atualmente a educação que é essencialmente técnica deve ser também transformadora e libertadora. A pesquisa empregada na elaboração deste estudo foi de revisão bibliográfica em livros, artigos de periódicos e textos científicos na internet, tendo como método, estudo de caso, através de uma investigação de campo com a aplicação de questionário semi-estruturado e observação situacional. A pesquisa teve caráter descritivo e apresentou delineamento qualitativo/quantitativo. Também foi discutido nesta pesquisa o papel da educação em nossa sociedade, considerando que ela terá o papel transformador, se houver tanto da parte dos gestores como dos empregadores uma consciência crítica acerca da importância da formação geral dos indivíduos e a escola deve assumir esta responsabilidade com autonomia. A escola deve se tornar uma entidade dotada de poder para que os indivíduos não tenham uma educação essencialmente técnica. A função da escola, historicamente, em todos os seus níveis de ensino é tornar o indivíduo um ser crítico e formador de opinião, mas se percebe que apenas as universidades vêm cumprindo este dever. É interessante expandir esta missão para os outros níveis de ensino.

PALAVRAS-CHAVE: processo educativo; escola/educação; mercado de trabalho.

ANALYSIS BETWEEN THE MARKET EMPLOYER AND THE PERTAINING TO SCHOOL EDUCATION

ABSTRACT

The present article investigates the existing relations between educative process and market of work, in order to glimpse a new paradigm of social justice. It demonstrates that currently the education is essentially technique and also must be, transforming and liberating. The research used in the elaboration of this study was of bibliographical revision in books, periodic articles of and scientific texts of the Internet, having as method, the research-action, through an inquiry of field with the application of half-structuralized questionnaire and situational comment. The

research has descriptive character and presents quantitative qualitative delineation/. Considering that the education will play the transforming and liberating paper of the society it will be had in such a way of the part of the managers, as of the employers, a conscience criticizes concerning the importance of the general formation of the individuals and the school must assume this responsibility with autonomy. The function of the school historically in all its levels of education is to become the individual a critical and former being of opinion, but we perceive that only the universities come fulfilling this duty. It is interesting to expand this mission for the other levels of education.

KEYWORD: educative process; school/education; work market.

INTRODUÇÃO

Inicia-se essa discussão conceituando Processo Educativo (P.E.), para tanto, surgem conceitos das mais variadas formas tais como: para os indivíduos que pertencem à zona rural ou a bairros periféricos que não receberam uma alfabetização regular, o P.E. será conceituado de EJA – Educação de Jovens e Adultos, levando em consideração que esses indivíduos normalmente, acumulam as atividades trabalho e escola. Quando se trata de educação seriada, como por exemplo, de 1ª a 4ª séries, conceitua-se Ensino Fundamental I.

Segundo FRANCO (1991), o processo educativo ou a escola não é algo dado e acabado, para ele é o produto de relações sociais que se modifica constantemente com o tempo concomitantemente com a educação e esta vem sendo analisada de forma desproporcional ao seu teor de importância, isso devido, em alguns momentos às questões financeiras e em outros momentos, ao próprio desinteresse da sociedade, da participação política, chegando a dimensões que ultrapassam a função essencial da educação.

Cabe lembrar que a educação tem o poder libertador (conceituado como a ampliação da capacidade de questionamento e reflexão sobre os fenômenos que ocorrem no meio em que o indivíduo vive) e transformador, pois, através do questionamento e da reflexão, produz outro posicionamento (pessoal e social) que é adquirido pelo indivíduo, logo a educação que hoje tende a uma formação mais técnica deve ser também o meio pelo qual o indivíduo se desenvolve intelectualmente e emocionalmente.

Preparar o aluno para o mercado de trabalho é para a escola o objetivo central e o mercado, por sua vez, recebe esse aluno e o adapta em seus padrões capitalistas. O trabalhador é um ser programado para o modelo de produção adotado pelo mercado que tem como objetivo, a qualidade e produtividade total, descartando a possibilidade e o espaço dos indivíduos se expressarem. A regra é: trabalho / produção / sobrevivência. MARX (1998) é prolífico quando diz que “o indivíduo existe a partir do momento que ele produz”.

A escola e o mercado de trabalho têm pontos em comum. Ambas educam, desenvolvem o caráter do indivíduo, trabalham a questão da responsabilidade e tendem ao cerceamento da iniciativa e criatividade, o que nos leva a refletir sobre a função de educar hoje.

O tema é de relevante importância, pois traz questões que são tratadas indiretamente quando deveriam ser o foco de estudo dos responsáveis que são os gestores do processo educativo e dos modelos de produção.

É importante lembrar que o indivíduo se torna sociável através de sua capacidade de interagir usando como instrumento sua mais valiosa dádiva que é de caráter intelectual e sensitivo. Mas como usar essa dádiva quando a sociedade encontra-se atrelada a modelos de produção?

Para MARX (1998) *o trabalho é a atividade especificamente humana e intencional que busca continuamente transformar a natureza a fim de ajustá-la às necessidades humanas*. Analisando a expressão “necessidades humanas”, observa-se que o homem precisa de uma metodologia para que suas necessidades sejam supridas. Reflete-se então sobre a máxima: “quem pensa administra e os que executam o trabalho são administrados”. Os administradores ou a classe dominante não demonstram interesse em fazer revoluções sociais, é mais benéfico para os mentores manter a sociedade alienada, já para os dominados é de fundamental importância o conhecimento desta realidade para a apropriação de uma postura libertadora.

Diante destas constatações o presente artigo pretende investigar as relações existentes entre processo educativo e mercado de trabalho, a fim de vislumbrar um novo paradigma de justiça social entre educação e trabalho.

DESENVOLVIMENTO

A Escola e o Capitalismo

Que a escola trabalha de forma alienada já é notório, o que não é do senso comum é o motivo pelo qual ela cultiva essa postura. É seu dever adaptar os indivíduos à sociedade. Mas como faria então a escola para implementar uma educação libertadora que desenvolva a justiça social e a formação de sujeitos-cidadãos?

Segundo FRANCO (1991), *a escola está em constante transformação, devido às relações sociais que determinam o grau, natureza e a direção da instituição*. Não esquecendo que as relações sociais se enquadram como conseqüências, pois a sociedade é formulada pelo seu histórico, cultura e condição sócio-econômica com o predomínio do sistema capitalista.

ALVES (1999) atesta que *o capitalismo cria antagonismo entre escola e o trabalho*, se analisar as entrelinhas fica claro que apesar do contraste, a escola acaba se aliando ao sistema econômico vigente, até porque ela não toma nenhuma decisão que não seja favorável ao sistema, ou melhor, a escola é uma entidade sem autonomia e SAVIANI (1999) é habilidoso quando analisa que:

A escola é determinada socialmente; a sociedade em que vivemos, fundada no modo de produção capitalista, é dividida em classes com interesses opostos; portanto, a escola sofre a determinação do conflito de interesses que caracteriza a sociedade (SAVIANI, 1999, p.41).

Essa situação produz a reflexão a respeito das proporções das decisões tomadas pelo sistema econômico. Pensando nesta questão, qual seria a melhor forma de educar hoje, sabendo-se que dominantes e dominados é o equilíbrio social? A manutenção da condição de dominantes e dominados é à base da conservação do equilíbrio social.

FRIGOTTO (1999) destaca que:

Na perspectiva das classes dominantes, historicamente, a educação dos diferentes grupos sociais de trabalhadores deve dar-se a fim de habilitá-los, técnica, social e ideologicamente para o trabalho. Trata de subordinar a função da educação de forma controladora para responder às demandas do capital (FRIGOTTO, 1999, p.26).

Baseando-se no pensamento de Frigotto, existe não só educações diferentes, como também níveis e restrições dentro deste mesmo âmbito educacional.

No que diz respeito ao capital, SAVIANI (1999) comenta em seu livro abordando a questão do capitalismo com bastante precisão, considerando que “*ao que tem se lhe dará; e ao que não tem, até o pouco que tem lhe será tirado*”- Máxima evangélica enunciada na parábola dos talentos- (p.65.)

Reflete-se que o fragmento “*ao que tem se lhe dará*” é basicamente a acumulação de bens materiais nas mãos de quem já os possuem, esses bens são passados de pai para filho, e, “*ao que não tem até o pouco que tem lhe será tirado*” já nesse fragmento percebe-se que não se trata só de bens materiais é onde entra a privatização do conhecimento evitando assim que os indivíduos tenham o domínio, no sentido mais amplo da palavra, de sua cultura através do conhecimento.

Nota-se então o motivo da desigualdade social, pois “... *o domínio da cultura constitui instrumento indispensável para a participação política das massas*” (SAVIANI, 1999, p.66).

Diante desta realidade, há de se considerar que, se a escola não tiver autonomia para democratizar o conhecimento, a educação essencial estará sempre atrelada aos interesses do sistema capitalista e seus meios de produção.

Modelo de Produção e Processo Educativo

No mercado de trabalho existem os modelos de produção, assim como nas escolas existe o processo educativo, sendo que o mesmo é formalizado pela grade curricular e elaborado segundo interesses da classe dominante que dita as regras e as inserem no sistema educacional. Levando-se à conclusão de que o currículo escolar não é fundamentado nas necessidades vigentes e se o aluno é educado para o mercado, logo, a base da formulação dos currículos são os modelos de produção, o que leva a alienação dos indivíduos/alunos. Diante desta realidade surge o questionamento: Quem está educando, a escola ou o mercado de trabalho?

FRANCO (1991) ressalta:

“O papel da escola, pois, é fundamentalmente transmitir, de maneira lógica, coerente e sistemática, os conhecimentos acumulados historicamente pelo homem, ou seja, os conhecimentos tecnológicos, filosóficos [...] indissoluvelmente ligados à experiência dos alunos e às realidades sociais mais amplas” (FRANCO, p.56, 1991).

Já o papel do mercado de trabalho acaba sendo, de forma mais específica, tendo por base o autor citado acima, alienar, formatando os funcionários para a geração do lucro. Percebe-se então que existem dois momentos educativos na vida

do indivíduo: no primeiro momento ele é educado na escola e no segundo momento ele é educado no âmbito do mercado empregador. Mas qual dessas “educações” irão sobressair, a educação universal, libertadora (lembrando que esta deve ser em instituições de ensino) ou a educação para o mercado de trabalho? Ao final deste estudo serão dadas respostas efetivas a este e outros questionamentos.

Escola

Fazendo uma análise cronológica, a escola “educa” antes da empresa. Primeiro o indivíduo chega à idade de escolarização e é colocado na instituição de ensino pelos familiares - idade de inserção no processo de ensino é “determinada” pela escola - o indivíduo passa por todas as etapas e chega à maturidade, entretanto, nem sempre alcança os níveis psicológicos desejáveis para obter uma formação integral. A partir de então, esse adulto busca a sua “independência”, se insere no mercado de trabalho que, conseqüentemente o enquadra nos seus modelos de produção.

Analisando o lado psicológico da relação ensino escolar e ensino no mercado de trabalho, percebe-se uma substituição de conhecimentos, estes que estão inseridos na grade curricular das instituições de ensino. Ex.: Geografia, História etc.), pois se o indivíduo permanecer trabalhando na maioria das vezes com atividades assimétricas aos seus conhecimentos escolares, por um longo período, todo o tempo de aprendizagem que ele passou na escola, tende a ser bloqueado; e se por acaso ele permanecer na escola dando seqüência até chegar a uma universidade existe a possibilidade dele se tornar um ser cômico de seus direitos e deveres como um próprio cidadão.

Para ALVES (1999), a escola fabrica “ninguéns em série”, porque existe essa substituição do conhecimento a partir do momento que o indivíduo se insere no mercado de trabalho formal. O problema está no mercado de trabalho, nas instituições de ensino ou no próprio indivíduo?

O interesse da fábrica é independente das questões culturais, sociais, psicológicas, e políticas dos indivíduos, o que importa é o lucro, este sendo adquirido através de processos disciplinares denominados de modelos de produção, não levando em consideração o fator que difere o homem do animal, que é a sua capacidade de raciocinar, refletir e mudar a sua realidade. A escola, por ser restrita a determinadas decisões, torna-se menos sugestiva e atrativa, o que leva os indivíduos ao desinteresse pelos estudos e à evasão escolar.

Benefício

Em nossa sociedade onde o que direciona as pessoas são suas necessidades, percebe-se que num processo de troca, os indivíduos convertem energia física e intelectual em atividade que será absorvida pelo mercado de trabalho e este por sua vez proporciona-lhes um contrato e salário. Esta situação nos leva a refletir sobre o conceito de trabalhador, que é aquele que para garantir sua existência e de sua família dispõe-se de sua força de trabalho. Em relação a esta situação, FRIGOTTO nos lembra que:

O trabalho não se reduz a “fator”, mas é, por excelência, a forma mediante a qual o homem produz suas condições de existência, a história, o mundo

propriamente humano, ou seja, o próprio ser humano (FRIGOTTO, 1999, p.31)

É de se esperar que os indivíduos prefiram trabalhar a estudar, pois têm suas necessidades fisiológicas inatas, por isso vendem o único bem comum que possuem (visão capitalista), que é a sua força de trabalho. Há outra questão implícita: O indivíduo hoje vive ou sobrevive?

Biologicamente falando, se o ser respira, vive. Já numa visão utópica, viver é ter a liberdade para fazer escolhas e poder trabalhar de forma a aproveitar as habilidades e capacidades aprendidas na escola e no cotidiano. Baseando-se nesse conceito percebe-se que o indivíduo sobrevive.

Outro ponto a ser discutido é que, para o mercado de trabalho, é pouco importante o conhecimento que a pessoa adquiriu antes de se tornar um empregado. Em seu espaço trabalham lado a lado: faxineiras, biólogos, técnicos administrativos, ou seja, pessoas das mais diversas formações. Cabe destacar que os empregados que permanecem nesses espaços são aqueles que se enquadram no modelo de produção determinado, grosso modo, pelos capitalistas, gerando lucro enquanto que os conhecimentos desses empregados se mesclam num processo de substituição do que foi aprendido na escola, pelo que é exigido no campo do trabalho, logo os indivíduos trabalham de forma alienada beneficiando o mercado de trabalho.

Alienação

O ser humano tem a capacidade de se adaptar em diferentes espaços e tempos, devido a sua busca pela sobrevivência que é instintiva, porém em algumas situações isso não ocorre de forma natural/espontânea. Esse fato aproxima-se ao que é denominado de alienação.

KUENZER (1995) analisa que:

“Quanto mais se desenvolve a mecanização, mais o operário se fragmenta e automatiza menos domínio do saber sobre o trabalho ele exige menos energias intelectuais e criativas ele mobiliza gerido externamente pelo capitalista” (KUENZER, 1995, p.77).

Nesse trecho, fica clara a questão do adestramento, da regressão da capacidade intelectual do ser humano. Quando alcança esse estágio, o indivíduo se torna mais vulnerável às manipulações e conseqüentemente à alienação. Isso nos leva a idéia de Marx que diz que o capital educa e aliena o trabalhador. Se o capital educa o trabalhador, qual é a função da escola? Infelizmente, prepará-lo para reproduzir os interesses capitalistas.

GUEDES & FONTANA citados por ALVES (1999, p.6) refletem que “*Vivemos numa escola assentada no ensino coletivo e simultâneo*” trazendo nesta expressão a questão da aprendizagem grupal como mais um ponto em comum entre escola e a empresa. Lembrando que a semelhança entre a escola e o mercado de trabalho, processo educativo e modelo de produção são justamente o que ofusca a essência da educação.

Concepção de trabalho

Com mais propriedade, Frigotto discute conceito do termo trabalho. Diz ser princípio educativo fundamental a todo ser humano destacando que:

Os trabalhadores, através de suas organizações políticas e sindicais, também devem lutar pela orientação político-técnica da formação (FRIGOTTO,1999 p. 190)

Nessa formação inclui conhecimentos de seus direitos tanto para atuar no trabalho, e na sociedade como para sua integridade humana. Nesta perspectiva, observa-se que o ser humano já é predisposto ao trabalho, ao conhecimento técnico/mecânico.

METODOLOGIA

A pesquisa empregada na elaboração deste estudo foi de revisão bibliográfica em livros, artigos de periódicos e textos científicos da internet, tendo como método, estudo de caso, através de uma investigação de campo com a aplicação de questionário semi-estruturado e observação situacional. A pesquisa teve caráter descritivo e apresentou delineamento qualitativo/quantitativo, embasado em entrevistas e observação de um grupo de estudantes e professores da rede pública do ensino fundamental, médio e superior. Considerando a amostragem de 10%. As instituições pesquisadas foram: Escola Estadual Alfredo Dutra (ensino fundamental e médio) e Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB, do município de Itapetinga-Ba, no período de agosto a outubro de 2009. Foram entrevistados os professores e diretores das escolas através de formulários de entrevista oral e escrita e para os alunos foram aplicados questionários. Os dados obtidos estão demonstrados através de gráficos e analisados com foco nos resultados verificados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o intuito de solidificar a pesquisa, foram entrevistados estudantes trabalhadores e professores; Os estudantes eram de níveis escolares diferentes (fundamental de 5ª a 8ª série, médio – com formação geral e técnica e superior incompleto), assim como os professores (superior completo, especialização, mestrado e doutorado).

Foi observado que os alunos dos três níveis de ensino chegam à escola cansados e muitas vezes atrasados, mas, mesmo assim percebem a importância do estudo no seu cotidiano. A seguir são apresentados gráficos explicativos demonstrando a valoração dada por este público aos conhecimentos adquiridos na escola e ao modelo de produção do mercado de trabalho.

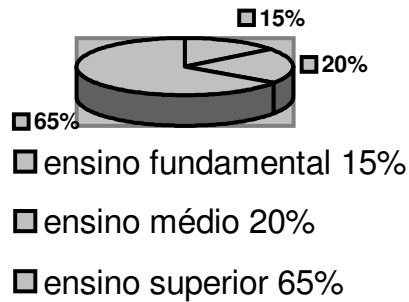


GRÁFICO 1 – Importância dada ao conhecimento adquirido: Escola X Trabalho

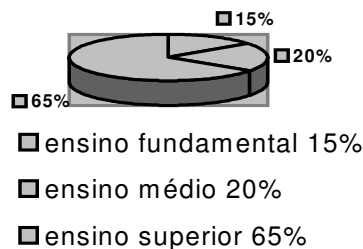


GRAFICO 2 – Utilidade aferida ao conhecimento adquirido: Escola X Trabalho

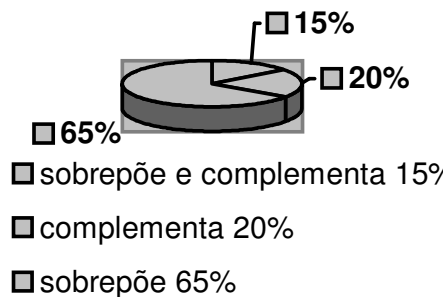


GRAFICO 3 – Conhecimento adquirido na escola X trabalho: Complementa ou Sobrepõe?

Opinião dada por profissionais da educação

O **Gráfico 1** mostra que a os alunos do ensino superior (65%) são os que atribuem maior importância ao conhecimento adquirido na escola. O **Gráfico 2** demonstra que existe um equilíbrio (33%, 29% e 38%) em relação à utilidade aferida ao conhecimento adquirido no mercado de trabalho pelos alunos trabalhadores nos três níveis de ensino pesquisado e o **Gráfico 3**, evidencia que para a maioria dos

professores (65%), o conhecimento oferecido aos alunos na escola é prejudicado pela dificuldade destes em compatibilizar as atividades profissionais com as de estudo.

Questionamentos feitos para os professores através das entrevistas:

1. Que postura a escola deve ter/tomar para que a educação não seja somente voltada para o mercado de trabalho?
2. O mercado de trabalho complementa ou sobrepõe o processo educativo escolar?
3. Em relação ao futuro, como ficará a questão da relação entre essas duas formas de se educar (escola / trabalho)?

A resposta ao primeiro questionamento oscilou entre mudanças de outros segmentos que repercutirá na escola, na inclusão de valores morais, cívicos, éticos no currículo escolar, desenvolvimento de projetos de incentivo voltados para a formação integral dos alunos, avaliações das condições e experiências dos alunos dando suporte às suas necessidades e criar disciplinas voltadas ao pensamento crítico.

Ao segundo questionamento, alguns responderam de forma relativa e outros responderam que sobrepõe. As respostas que foram relativizadas têm por base a profissão atual. Se for trabalhar num local onde o conhecimento será utilizado na íntegra, não existirá sobreposição, caso contrário sim.

No terceiro questionamento, responderam que o conhecimento transmitido pela escola se tornará técnico e que a escola irá preparar os indivíduos somente para o mercado de trabalho.

A seguir será apresentada um Quadro explicativo concernentes aos tipos de conhecimento relativizados na pesquisa.

QUADRO 1 – Modalidades do conhecimento.

Conhecimento Vulgar	Conhecimento Técnico - Institucional	Conhecimento Científico - Libertador
É o conhecimento que todo indivíduo adquire através da observação, reflexão e experiências do cotidiano.	Os estudantes representam o público que mais têm acesso ao conhecimento técnico, pois ele é adquirido através do estudo sistemático.	Esse conhecimento é uma exclusividade dos pesquisadores de nível superior e dos professores em sua maioria.

Esse resultado permite observar que independente das necessidades de cada campo (mercado de trabalho e escola) sempre haverá uma interseção de seus interesses bem como uma complementação, como por exemplo, a escola acolhe o indivíduo em seus primeiros anos de vida e injetando neste seus interesses, logo após, o mercado de trabalho ou as empresas toma a responsabilidade de enquadrá-lo em seus moldes, que, na nossa realidade, é essencialmente capitalista.

CONCLUSÃO

As questões abordadas nesta pesquisa levam à reflexão sobre a qualidade da educação de nossos dias, da forma como é transmitida, seus instrumentos e os espaços de sua disseminação. Foi colocado em discussão que a verdadeira função da educação formal é para a formação profissional e técnica e não para a formação ética, moral, cidadã e libertadora dos indivíduos.

A exigência de pessoas com “experiências” é a base para ser incluído no mercado de trabalho, isso evidencia a busca por cursos profissionalizantes que são puramente técnicos e que normalmente negligenciam a essência do interesse humano, que deve ser a busca pelo conhecimento libertador. Cabe lembrar que a educação só será transformadora e libertadora quando houver tanto da parte do sistema educacional como da parte dos empregadores uma consciência crítica acerca da importância da formação geral dos indivíduos e a escola deve assumir esta responsabilidade com autonomia.

A experiência da educação acontece em todos ambientes e nas relações pessoais e profissionais que é empreendido ao longo da vida, entretanto, a escola é o local onde a educação é formalizada e tem a missão de promover a transformação do indivíduo e conseqüentemente da sociedade.

A função da escola historicamente em todos os seus níveis de ensino é tornar o indivíduo um ser crítico e formador de opinião, mas percebe-se que apenas as universidades vêm cumprindo este dever. É importante expandir esta missão para os outros níveis de ensino. As instituições de ensino devem ser democráticas ao ponto de se ter autonomia, pois ela é capaz de construir uma ordem mais avançada e, portanto mais universal, quando se diz respeito à formação dos indivíduos.

A sociedade é a responsável pela transformação/evolução de todas as entidades que a compõe, e mais que qualquer outra a escola é uma responsabilidade social. Os indivíduos que compõe a sociedade hoje negligenciam suas responsabilidades sociais, pois não querem ou não percebem a repercussão de sua (falta) de atitude que é simples e constantemente o aumento do número de pessoas “incapacitadas” para determinadas funções, aumentando assim a marginalização, no sentido mais amplo da palavra.

Enquanto os indivíduos forem “incapacitados”, maiores serão as possibilidades de serem alienados, bloqueados intelectualmente.

A mudança desse quadro deve ser iniciada na própria sociedade capitalista, para depois ou concomitantemente difundida para as escolas, para o mercado de trabalho e essa mudança deve ser baseada na formação integral e libertadora de cada indivíduo para que cada habilidade seja aproveitada sem detrimento de outros conhecimentos.

REFERÊNCIAS

ALVES, N. **Formação de professores: pensar e fazer**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

FRANCO, L. A. C.; **A Escola do trabalho e o trabalho da escola**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1991.

FRIGOTTO, G.; **Educação e a crise do capitalismo real**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 1999.

HIDAKA, R. **Mundo do trabalho, disciplina e processo educativo escolar**

ESCOLAR. Disponível em <http://www.estudosdotrabalho.org/anais6seminariodotrabalho/renatokendyhidaka.pdf>. Acesso em: 11/05/2009.

GIANCATERINO, R. **A influência de Marx na educação.** Disponível em <http://www.meuartigo.brasilecola.com/educacao/a-influencia-marx-na-educacao.htm>. Acesso em: 11/05/2009.

KUENZER, A. Z.; **Pedagogia da fábrica: as relações de produção e a educação do trabalhador.** 4 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

MARX, K.; **O Capital.** 16 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1998.

SAVIANI, Dom; **Escola e democracia: teorias da educação.** 32 ed. Campinas-SP: Autores associados, 1999.